É UMA PENA VER DE NOVO

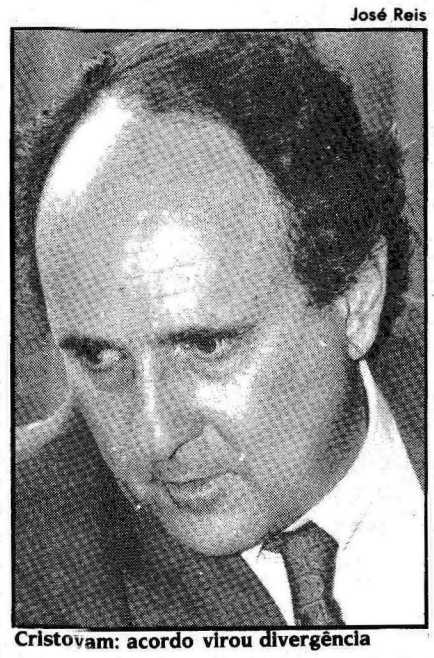
A MALDIÇÃO DA PIRÂMIDE

CRISTOVAM RECONHECE FALTA DE ESPÍRITO DE EQUIPE E ABRE O DEBATE SOBRE A UTILIDADE DA SECRETARIA DE CULTURA

GERALDINHO VIEIRA
EDITOR DO CADERNO 2

O governador Cristovam Buarque admite que falta unidade à equipe que comanda o complexo Secretaria de Cultura/Fundação Cultural. O governador está preocupado e confirma o teor do artigo publicado na última quinta-feira pelo **Caderno 2:** "Na escolha e nomeação do secretariado, dei total liberdade aos secretários para que montassem suas equipes, o que só não foi possível na área da Cultura. Como as divergências eram grandes, fez-se um acordo para que, entre os nomes indicados pelos partidos, um assumisse a Secretaria e os demais ocupassem postos chaves nas assessorias e a própria direção da Fundação Cultural. Não deu certo. Fui obrigado a compor uma equipe que não é homogênea, e se naquele momento esse acordo parecia conveniente, hoje estamos diante de uma dificuldade".

José Reis

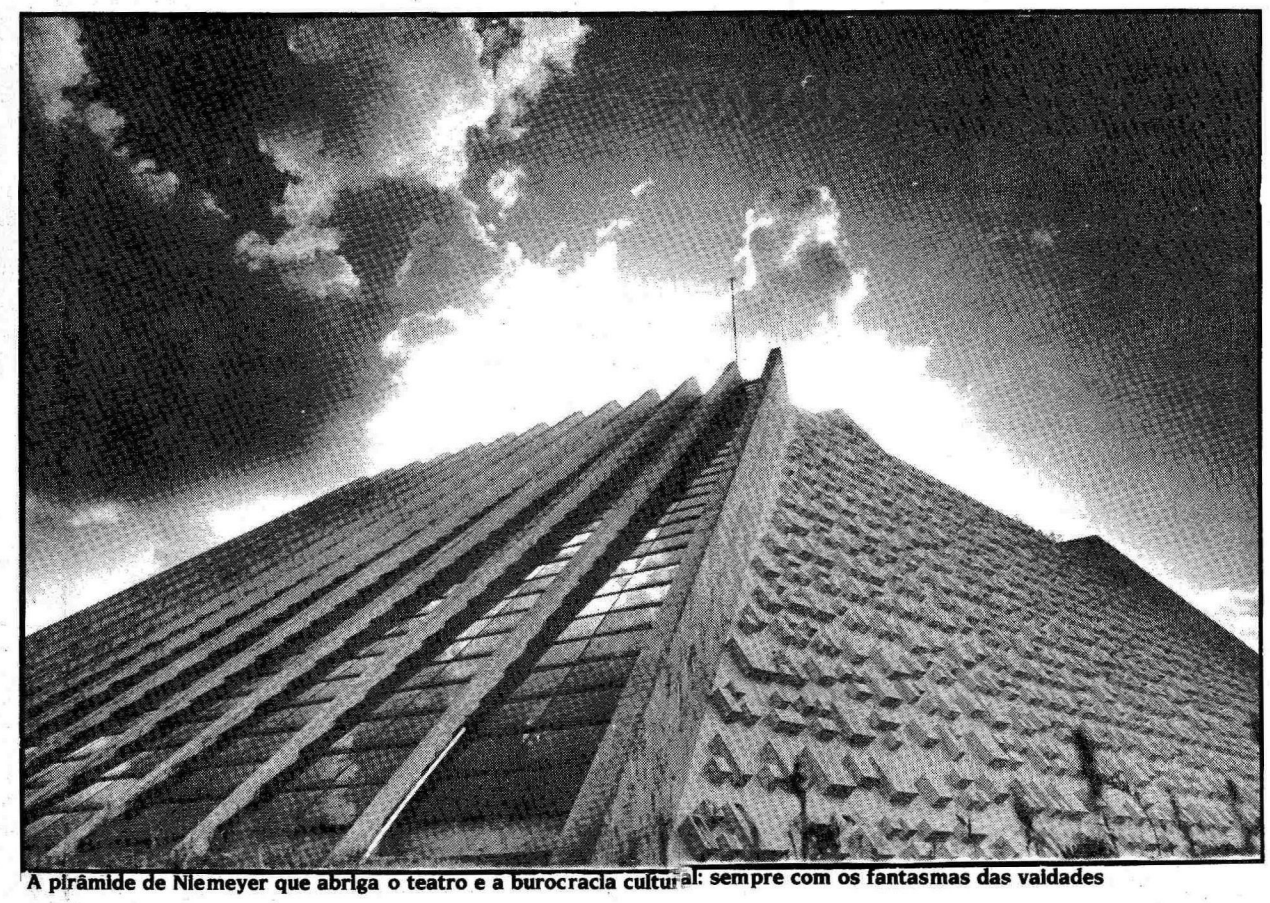


Cristovam: acordo virou divergência

As divergências — e conseqüente falta de projetos substanciais no setor, como tem enfatizado o **Jornal de Brasília** — inspirou reunião entre Cristovam Buarque e alguns de seus principais assessores. O governador está decepcionado, por exemplo, com a falta de articulação entre Educação e Cultura: "O pouco de relação que existe hoje é fruto apenas do esforço de algumas escolas, e esta integração é prioritária para o governo. Repito: Cultura é ação prioritária, eu adoraria ser secretário de Cultura".

A preocupação do governador está ganhando traços de polêmico debate entre artistas, animadores, produtores e administradores culturais. Ele próprio está lançando a público o debate: "Se for mesmo impossível trabalhar com unidade de pensamento e ação, poderemos estabelecer uma reforma administrativa com a extinção dà Secretaria de Cultura e a incorporação da Fundação Cultural do DF à Secretaria de Educação. O que o setor cultural pensa a respeito?".

Esta pergunta, a repórter Paulo Paniago, do **Caderno 2** fez a alguns dos mais atuantes militantes da área cultural, alguns deles com passagem pela máquina do governo. A Secretaria de Cultura nasceu em 1986... no dia 1° de abril.



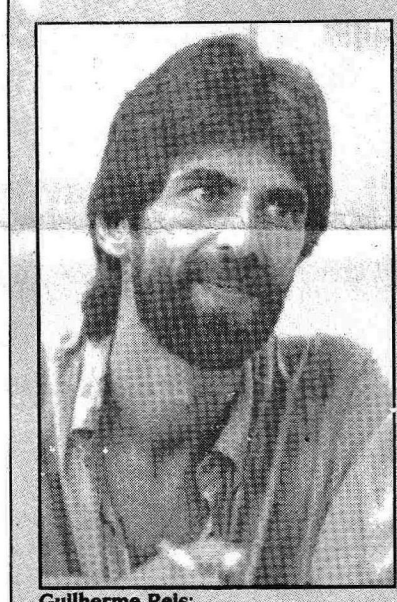
A pirâmide de Niemeyer que abriga o teatro e a burocracia cultural: sempre com os fantasmas das vaidades

ESTÃO NO GOVERNO

Maria Duarte, Secretaria de Cultura: "Essa questão de fundir a Secretaria de Cultura com a de Educação deve ser discutida na reforma administrativa. Cada secretaria está discutindo com a Secretaria de Administração como isso deve funcionar. Pessoalmente, eu me posicionei contra a divisão das duas secretarias (Cultura e Educação) em 85, porque pareçia lógico que as duas deveriam funcionar guiadas pelos mesmos parâmetros. Esses 10 anos de separação, entretanto, criaram uma realidade diferente. Elas não podem ser dissociadas, a Educação é o processo através do qual se transmite a Cultura. Não vejo, porém, como realizar hoje essa junção, uma vez que as duas secretarias criaram demandas próprias. Isso quer dizer que sou contra a fusão? Não. Mas essas estruturas precisam ser muito discutidas antes de qualquer decisão".

Teté Catalão, diretor do Espaço Cultural 508 Sul: "A Secretaria de Cultura é um órgão articulado, deve continuar como tal para ter sua identidade orçamentária. Do ponto de vista conceitual, essa fusão com a Secretaria de Educação é desejável. Não consigo ver a dissociação entre as duas vertentes. Existe hoje na cidade uma demanda brutal de um público leigo, e isso seria resolvido, creio, com essa fusão. A grande questão é que a Fundação Cultural não deveria ter esse tamanho, deveria ser um departamento da Secretaria de Cultura. Ou seja, a Fundação deveria estar fundida com a Secretaria há muito tempo. Agora, a Secretaria de Cultura e a de Educação têm necessidades diferentes, daí a importância da manutenção de verbas destinadas separadamente. Mas a arte-educação é a redenção da Cultura, não só em Brasília, mas em todo o País".

ARTISTAS E PRODUTORES



Guilherme Reis: "Divisão partidária em detrimento da competência"

Ary Pararralos: "Há de se ter coragem para demitir"

Evandro Salles: "Secretaria deve ter papel de vanguarda"

João Antônio: "Reformulação para que se possa ter uma equipe"

Guilherme Reis, membro do Conselho Deliberativo da Educação Cultural, ator e diretor teatral: "Hoje, acho um retrocesso. Pensar que se vai solucionar o conflito entre a Secretaria de Cultura e a Fundação Cultural como isso é besteira. As pessoas que não são ligadas aos partidos não têm condições para acompanhar o que está acontecendo lá dentro. A cidade precisa da Secretaria de Cultura, mais articulada com a Secretaria de Educação, é verdade, mas não extinta. Está faltando um corpo efetivamente técnico para discutir um sistema integrado de Cultura. Isso não acontece porque há uma divisão partidária entre os cargos, em detrimento de um corpo técnico mais competente. Existe futricagem, mas não função das características das pessoas, e sim pela ingerência partidária. Os artistas da cidade não estão envolvidos nessa questão. Acompanhei o trabalho desenvolvido por Cristovam na criação de núcleos temáticos: confesso que estou preocupado com as discussões temáticas e uma efetiva parceria com a sociedade civil organizada. Falta à Secretaria de Cultura ter autonomia para montar uma equipe de cabo a rabo, sem ingerência partidária".

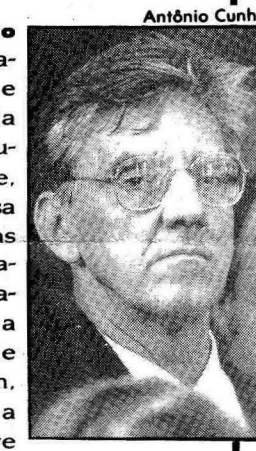
Ary Pararralos, diretor teatral: "Acho desnecessária a existência de uma Fundação Cultural e uma Secretaria de Cultura, pelo excesso de burocracia e problemas administrativos: os meios contam mais que os fins. Ou seja, a burocracia engole as verbas das atividades-fim. Quando as duas secretarias (Educação e Cultura) eram fundidas, não deu certo. A premissa de fusão é boa. Só que a gente sabe que as verbas para Cultura ficam diluídas. Eu, que desenvolvo trabalho com escolas, vejo que o que se precisa é treinamento de pessoal, investimento em recursos humanos para atender ao público de arte e cultura. A questão da cultura é de falta de qualidade, não de fusão ou destruição. Não sei se o órgão executivo, a Fundação Cultural, atrelado à Secretaria de Educação tem condições para funcionar. Acho que os interesses eleitoreiros, os dividendos eleitorais, são maiores que o trabalho na Cultura. Nem o governador parece estar sabendo que a Cultura não é sucessão de eventos, mas um processo longo. A crise é de recursos humanos. Há de se ter coragem para demitir, para manter os bons administradores independentemente de sua vinculação partidária. Já é hora de o governador tomar decisões na área cultural e não ficar só ouvindo. O governo é executivo, não para ficar fazendo reuniões. Na área de Educação ninguém quer saber de Cultura. Os diretores vêem cultura como evento. Na raiz da questão está o treinamento de pessoal".

João Antônio Esteves, vice-presidente do Conselho de Cultura: "Desde o início defendi que, uma vez tendo uma Fundação Cultural forte, era inteiramente desnecessária a criação de uma Secretaria de Cultura. Entretanto, fundir agora com a Secretaria de Educação é perder as conquistas conseguidas na área da Cultura. Claro que devem ser duas secretarias interligadas para o bem da cultura educacional, mas o bom funcionamento só será possível com a manutenção da autonomia da Secretaria de Cultura. Acho que a comunidade produtora cultural não vai aceitar bem essa idéia porque só enfraquece a relação da Cultura com o governo. Defendo sim uma reformulação que permitirá à Secretaria de Cultura e à Fundação Cultural terem uma mesma equipe de trabalho".

Evandro Salles, artista plástico e secretário executivo da Fundação Athos Bulcão: "Sou contra a fusão das duas secretarias. Acredito que a Secretaria de Cultura deveria ter um papel importante, de vanguarda, dentro desse governo. Se não está sendo possibilitado à Secretaria de Cultura que cumpra sua função, não é motivo para que ela acabe. O papel que cabe à Secretaria de Cultura é o de promover uma grande articulação que coloque Brasília no panorama brasileiro. Enquanto isso, o papel destinado à Secretaria de Educação é proporcionar a melhor formação possível. Tenho certeza que e Secretaria de Cultura tem todo o potencial para se tornar veículo dessa grande articulação para recolocar Brasília no panorama das artes do País."

ESTIVERAM NO GOVERNO

Antônio Cunha



Luis Humberto Martins, fotógrafo, professor e ex-diretor da Fundação Cultural: "Em tese, seria uma coisa desejável. Mas as duas secretarias estão cercadas de uma complexidade de tal ordem, que acho que a separação deve ser mantida, com aumento da vinculação entre os projetos das duas secretarias. Fundir é uma volta à situação antiga. O secretário de Educação e Cultura trabalhava com dois diretores e os deixava, para minha sorte, livres para suas decisões. A Secretaria de Cultura desenvolveu uma estrutura perversa, de vontades e caprichos. Maria Duarte está herdando esse negócio atropelado. O próprio conselho é complicado, com perversidades dentro. Mas acontece por parte da elite do País acreditar que a cultura lhes pertence. Essa decisão, que é política, envolve identidades. Dentro do projeto neoliberal que está se armando, é uma discussão que deve ser politizada, mas não partidarizada".

Maria Luisa Dornas, empresária, ex-diretora executiva da Fundação Cultural: "Acho ótimo. Trabalho no governo há 18 anos. Sou funcionária da Fundação Educacional e ocupei cargos de direção na área cultural. Funcionava melhor quando as duas secretarias eram vinculadas. Sempre me posicionei contra a dissociação. Até do ponto de vista orçamentário é bom. A Fundação recebe mais recursos que a Secretaria de Cultura. Quem comanda a Secretaria de Educação é a área federal, portanto, o ganho financeiro é grande. Existe uma estrutura de pessoal e física na Secretaria de Educação que favorecia o trabalho cultural nas cidades-satélites, que é o problema hoje para a Fundação Cultural. Não há como atender culturalmente as satélites a não ser através das escolas, que contam com uma estrutura de ótimos auditórios, que necessitam apenas pequenas reformas."